SÉRIE 3.ª
6.º ANNO
V.º 18
VOZ DE S. ANTONIO
Revista mensal illustrada
Abençoada por S. S. o Papa Leão XIII, pelo Ex.mo Ordinario e varios Prelados.
Junho
1900
XIX
Freitas

CHRONICA LIGEIRA

SUMMARIO : — *O anniversario da extincção das ordens religiosas; commemoração condigna; retoques no quadro: porque eram os frades inimigos da liberdade? Eram ociosos? Quadro de mestre.* — O Partidario *e a maçonaria; liberdade maçonica; Leão XIII na Encycl.* Humanum genus *aconselha a guerra á maçonaria.* — *Programma para o conciliabulo maçonico em Roma; querer benzer-se e quebrar o nariz.*

Passou no dia 28 de Maio o 66.º anniversario da extincção das ordens religiosas em Portugal. Esta data não provocou d'esta vez as consabidas burundangas dos noitebós que fazem o quarto de sentinella ao capitolio maçonico. Estavam entretidos com assumptos de importancia mais transcendental: o caso do Bom Pastor, a peregrinação portugueza a Roma, o sequestro da snr.ª D. Rosa Calmon, etc. etc. D'esta feita, pois, os manes de Aguiar não fôram incommodados com o monotono vasconcear dos netos do *grande libaral*...

Que lhes preste, aos manes, ao *libaral* e aos vasconceadores

Mas nem tudo se perdeu. O anniversario da monumental roubalheira não passou despercebido ao snr. Dias Ferreira, que lhe consagrou no *Tempo* as seguintes palavras de commemoração:

«Fez ante-hontem 66 annos que fôram extinctas as ordens religiosas em Portugal.

«Só conventos de frades havia 443! Calculando a termo medio, a população de cada convento em 40 frades, temos um total de 17:000 homens, que nem atulhavam as secretarias d'estado; nem formavam syndicatos; nem pediam concessões no ultramar; nem faziam parte das maiorias; nem por qualquer modo prejudicavam o regular andamento dos negocios publicos.

«Muitos d'elles eram inimigos da liberdade.

«Isso é verdade.

«Mas os que ahi estão governando e os que os ajudam a manter-se no poder tambem não lhe téem mais amor, visto como trazem a liberdade tão bem algemada.

«Attendendo á differença dos tempos, póde mesmo dizer-se que passados 63 annos ha menos liberdade que havia então.

«Acabaram os 17:000 frades dos conventos que mandriavam de conta propria.

«Mas logo a seguir creou o governo mais de 40:000 frades que mandreiam e comem á custa dos redditos do thesouro.

«Estes 40:000 frades do thesouro representam, a 4 pessoas por cada frade, mais 160:000 frades e freiras que comem, vestem, calçam e se divertem á custa dos que trabalham.

«N'estes não entram ainda os que pertencem á aristocracia da classe.

«Esses custam ao paiz os olhos da cara.

«Póde avaliar-se do seu custo, sommando o que custaram á nação, em menos de 30 annos, o syndicato de Salamanca; o porto de Lisboa e o porto de Leixões; o caminho de ferro de Lourenço Marques; os subsidios a companhias; as garantias de juros, etc.

«Em resumo, mataram-se de uma assentada 17:000 homens sãos, e arranjaram-se 24:000 tuberculosos por anno, que por certo servem para muito mais, são muito mais uteis ao paiz do que os 17:000 homens robustos.»

E' magistral! Isto, acompanhado a *Zé-Pereira*, valia bem mais que o hymno da carta... Pena é que o snr. José Dias Ferreira, quando foi ministro, aqui ha annos, se não lembrasse, já não digo de extinguir, mas ao menos de reformar os 160:000 fradepios que mandriam á custa do thesouro.

Mas, a bem da verdade, precisa a pintura de s. exc.ª de levar uns pequeninos retoques. Os frades «eram inimigos da liberdade», porque... não eram tolos; tinham um profundo conhecimento das coisas, d'ante-mão sabiam já o que o liberalismo havia de produzir; como systema religioso, os bens ecclesiasticos vendidos por dez réis de mel coado, e trocados por papeis de credito... desacreditados; os bispos dependentes do ministro da justiça, que tanto póde ser um bom christão, como um indifferente, um impio, um inimigo da Igreja ou um atheu; o clero feito ridiculo manequim dos infatuados pachás que commandam os taes 160:000 frades de que fala o snr. Dias Ferreira, e reduzido, para poder viver, á triste condição de obscuro serventuario dos eleiçoeiros que sustentam o systema liberal, desde os regedores de parochia até o ministro do reino; os beneficios ecclesiasticos distribuidos pelos mandatarios do poder civil, não ao padre mais digno mas ao que apresenta maior folha de serviços... eleitoraes, etc. etc. E como systema politico, tambem os frades sabiam o que o liberalismo havia de trazer a Portugal; um calote medonho de setecentos mil contos, que nós nunca seremos capazes de pagar, ainda que para isso empenhemos a propria camisa do corpo... os que ainda a tiverem; o *ultimatum* inglez, a perda de Kionga e a probabilidade quasi certa de, mais dia menos dia, irmos ficando tambem sem o resto; a bella figura que temos feito, e vamos fazendo, á face do mundo civilisado (e se não, recordem-se da exposição de Paris, do nosso tristissimo papel na guerra anglo-boer, etc....); e, por sobre tudo isto, a tropa fandanga dos taes 160:000 insaciaveis *frades*, todos a sangrarem a burra macillenta do thesoiro, e com estomagos capazes de nos devorarem tambem a nós, depois de nos haverem levado a pelle e feito d'ella tambores e zabumbas para rufarem o

Heroes do mar, nobre povo.

Ora, por saberem isto os frades, é que elles faziam figas a quem lhes vinha offerecer a tal liberdade.

Uns grandes finórios que elles eram. Bem se vê que tinham lume no olho, e que não era facil fazer-lhes o ninho atraz da orelha.

Mandriões, isso é que não.

Perdôe o snr. Dias Ferreira; mas os frades não mandriavam, nem por conta propria nem á custa dos outros. E' innegavel que, em geral, a disciplina regular tinha decaído muito de seu primitivo rigor e austeridade; e, como natural consequencia d'essa relaxação, resfriára tambem sensivelmente o espirito de oração e recolhimento. D'onde vinha que a muitos religiosos não seria indifferente o andarem vagueando pelo mundo, emquanto deviam conservar-se no silencio do claustro, ou despendessem em bagatelas e futilidades o tempo que deviam consagrar á oração no côro.

Tambem já não eram tão florescentes os estudos nos conventos; parte pela invasão do *cartesianismo*, que tambem entre os frades teve seus admiradores e sequazes, parte porque os estudos se haviam secularisado pouco a pouco, e os frades já não eram chamados com tanta frequencia a exercer o magisterio nas universidades, nas academias, nos collegios e outros institutos de ensino.

Concederei mesmo, que ao trabalho manual já não se consagrava o tempo e os cuidados que em seculos passados se lhe dispensaram. Mas, n'este particular, creio tambem que a natural evolução das coi-

6.º ANNO — N.º 18 | 3.ª SERIE | JUNHO — 1900

VOZ DE S. ANTONIO

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

Papelaria e Typographia Universal
DE AUGUSTO COSTA & PEREIRA

Editor
DOMINGOS JOSÉ DE SOUZA GOMES

SUMMARIO

Corpus Christi.
I Parte — SECÇÃO DOUTRINAL: O espirito de paz da V. Ordem Terceira. — Acção franciscana. — Santo Protector para o mez de julho. — Virtude a imitar. — Absolvição geral. — Indulgencias a lucrar.
II Parte — SECÇÃO HISTORICA: Florinhas de S. Francisco. — Pensamentos. — Anecdotas.
III Parte — LEITURAS AMENAS: O sino do convento.
IV Parte — CULTO DE S. ANTONIO: Com a mão esquerda? — Portugal — Novos membros da Pia União. — Braga. — Guimarães. — Os cofres do Pão dos Pobres de Santo Antonio. — Recommendações especiaes. — Os nossos defuntos. — Estrangeiro.
V Parte — SECÇÃO SCIENTIFICO-LITTERARIA: O Dies iræ. — Modelo para a nossa fé *(poesia)*. — Bibliographia. — Revistas & Jornaes. — As nossas illustrações.
VI Parte — CHRONICA UNIVERSAL. — Varia.
Gravuras: A Primeira Missa no Brazil. — Sé Cathedral de Gôa. — Um modelo para a nossa fé. — Altar mór da Sé Patriarchal de Gôa.

Corpus Christi

Pela religião natural e pela philosophia racional, nós sômos homens em face da Natureza, a quem interpretamos ou dominamos; e sômos filhos do Bom Deus, que a todos confunde no mesmo amor e misericordia. Naturalmente reconhecemos, em face das contingencias da vida e do espectro da morte, que sômos pobres, fracos e necessitados.

A idéa de Deus, o reconhecimento do Ser Supremo, de Quem tudo depende e que tudo governa, nasce expontaneamente em nós, como verdade inilludivel. O homem curva os joelhos, chora, invoca, treme — eis a religião na sua fórma simplicissima. Deus, portanto, creou o homem religioso, da mesma fórma que nos deu uma alma racional; e se alguem ha que não queira ser religioso ou supponha que a crença em Deus seja uma ficção ou invenção, mente á sua propria natureza, e quer fazer-se irracional, a despeito do grito da sua consciencia e das aspirações da sua alma!

Estes taes são duplamente infelizes e torturados, pois negam o que sabem existir, e não podem deixar de crêr, aquillo que de per si existe! Haverá peòr inferno do que esta condição humana, que nega em vão e em vão procura não crêr n'aquillo, que está como apegado ao seu ser e o desdobra de dentro para fóra? Infeliz e pobre alma que assim se despedaça contra si mesma! Infeliz sêr, que faz da vida um tormento, uma raiva, um

odio: *evil be thou my good!* Que a misericordia de Deus, Pae de todos nós, os livre da tyrannia do mal n'este dia em que a Igreja celebra a maior e a mais inaudita das suas misericordias! Hoje que os christãos levam o Vencedor da Morte em triumpho por entre mil povos e mil cidades, muitas d'ellas immersas no erro, na idolatria, no vicio; hoje, que o Deus escondido é a esperança do humilde e do fraco; hoje, que sem a apparencia divina, é ainda mais divino pelo seu immenso amor, consiga attrahir tantos corações transviados, e reanimar a consoladora fé, que as paixões afogaram em tantas consciencias escravisadas!

*

Na economia da religião, n'esse mundo ultra-sensivel, que Deus creou para as almas, ao invez da vida e da lei attractiva do universo, n'esse mundo, digo, parece haver dois fócos, como por dois modos parece termos sido feitos para Deus. O Creador manda, esmaga, por assim dizer, a pequenez do nosso sêr; o Redemptor attrae, consola, fortalece e enlouquece por aquillo que só um Deus nos poderia fazer acreditar — pelo mysterio da Revelação. Deus Creador e Redemptor, não parece que a nossa intelligencia foi para um e o coração para o outro? Deus quer que a maior intelligencia e o melhor ingenho se curve ao pó do nada; Jesus, deixando-se trespassar por uma lança, parece querer (e quer por certo) que o coração mais apaixonado pela formosura, e inebriado pela sêde do Desejo, se scinda a seus ensanguentados pés!

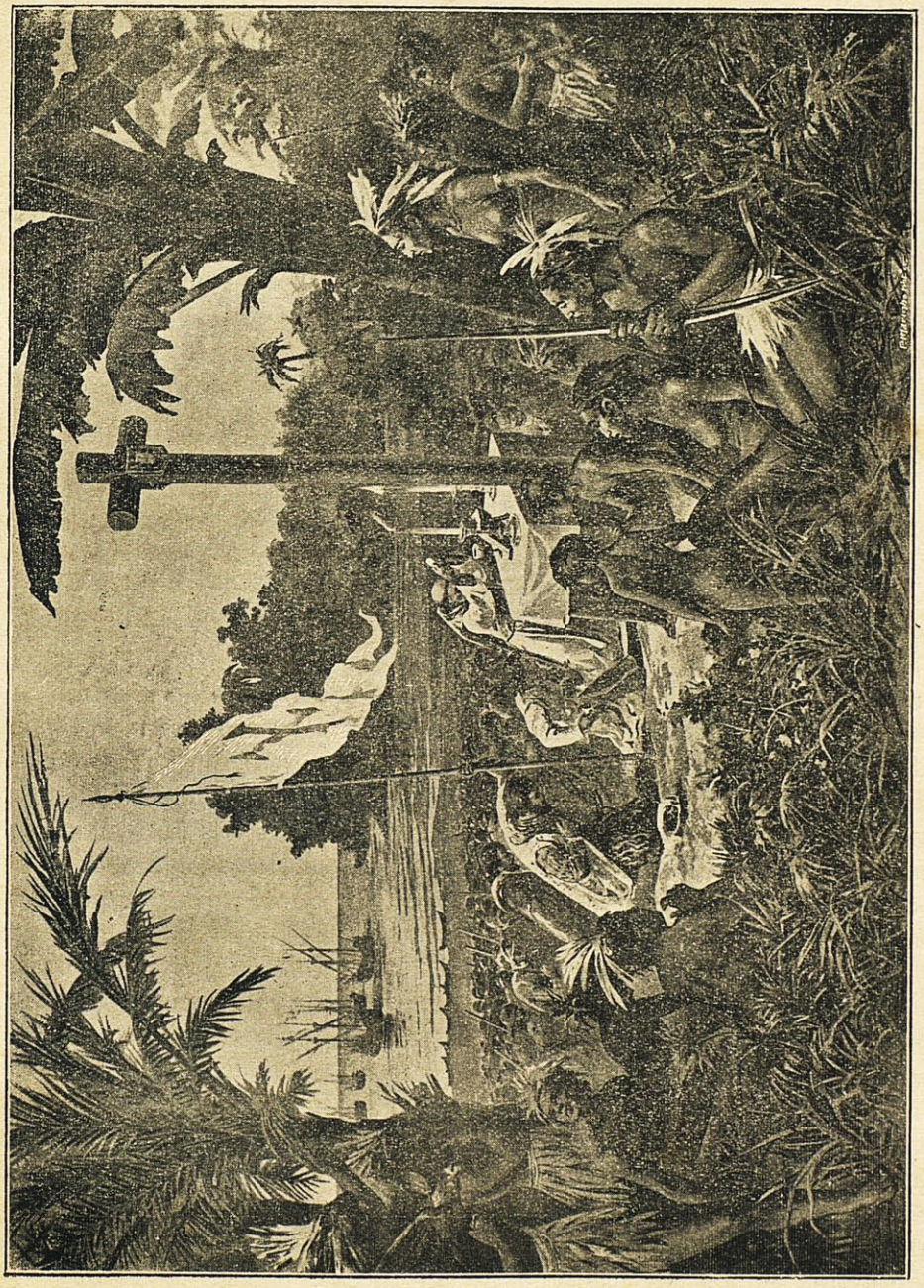
E' duro talvez; mas não o dizem os que, como os santos, se despiram do velho homem e se vestiram de Christo. Bem o prova a constancia de tantos martyres, a ternura ineffavel d'um Fr. Thomé de Jesus e a intrepidez apaixonada d'um Paulo. Póde o *platonismo* ter um Socrates ou Marco Aurelio; póde o amor da patria dar um Scevola ou Fabio; póde a Sciencia, a Liberdade, a Honra e até a Paixão contar heroes, genios e até martyres; mas o que nunca se viu e nunca se verá sem se reconhecer o milagre ou o mysterio das almas que Deus conduz, é a simplicidade, a fortaleza, a abnegação calma e alegre, a pureza e a resignação dos heroes christãos. E se o Paganismo nos dá alguns bons exemplares, esses já eram christãos de alma, já prelibavam aquella graça, que ao depois se completou nas almas radiantes dos soldados de Christo.

Se ha facto que prove mais exhuberantemente a transcendencia do christianismo, é esse amor d'uma Santa Thereza, por exemplo; é essa calma amorosa da *Imitação de Christo;* é essa confiança segura e illimitada que não conhece difficuldades, não teme perigos e despreza a morte: ainda mais, ama-a com soffreguidão. Nenhum fundador de religião inspirou tal sentimento; nenhum homem é capaz de subjugar por tal fórma o coração humano.

A par d'este phenomeno, unico na Historia, eu não conheço outro que se compare com o odio que alguns votam ao Salvador dos homens. Se não é da nossa natureza animal, saturada de paixões, amar um Crucificado, que condemna o vicio, muito menos o é odiar quem, como Jesus, elles consideram simples homem. Um allucinado, um pobre judeu crucificado e vilipendiado póde lá inspirar taes odios, que vêm ensanguentando a Igreja desde o seu berço?! Explica-se que odie-

mos um despota, um inimigo poderoso que nos rouba a fazenda e nos encarcera; mas odiar Jesus, se é apenas homem, e que ha 19 seculos morreu para não mais viver, não se comprehende; é um absurdo, uma anomalia, que só o diabo póde explicar.

Nunca fez mal, e odeiam-n'o?! Ninguem o accusou do crime, vil peccado ou vicio, e ha homens que não podem tolerar o seu nome e o insultam?! Querer-se-á dizer que o odio provém de o Evangelho, condemnar o vicio, e recommendar a virtude? Mas



A Primeira Missa no Brazil

então porque não se odeia e não se profana a memoria de Platão ou de Budha, que fizeram outro tanto? Se o musulmano não ama a Mahomet como os santos a Christo, (nenhum documento litterario o attesta) apezar de lisongear a paixão de seus adeptos, é tambem muito certo que não odeia, á excepção de Christo, nenhum outro fundador de religião. Não ha documento algum em religião alguma, a não ser em a nossa, que de leve se compare a tantos documentos christãos de fé e amor.

A não ser o hebreu nos seus canticos sublimes a Jehovah, nenhuma outra bocca humana produziu as palavras, que desde os apostolos, vêm repetindo tantos heroes do christianismo. O amor singelo e confiado d'um Pedro, os protestos vehementes e virís d'um Paulo, nunca se ouviram, senão dentro da Igreja de Jesus Christo. Nenhum amor humano, quer seja d'um Romeu ou Cleopatra, d'um Othello ou Virginia, possue a fortaleza calma e confiada d'uma Santa Cecilia ou d'um S. Luiz Gonzaga. E este amor, coisa notavel! partindo de dois sexos, confunde-se na mesma ternura e piedade, no mesmo culto e esperança, na mesma fé e vigor, no mesmo enthusiasmo e adoração. Ama-se da mesma maneira e de igual fórma, abstraindo-se o sexo, como se não fôssem sêres humanos, mas almas, mas anjos.

Quem pensar n'isto maduramente, não póde deixar de reconhecer que o phenomeno transcende os limites da natureza; e que só um Deus podia operar um tal contra-senso — *a loucura da Cruz!*

Eu não careço de outra prova para crêr na divindade de Jesus, e na divindade da minha religião. Que a piedade divina nunca me castigue a mim e aos meus, com o flagello da duvida e da falta de fé em Christo. Eu peço a Deus que não me inflija tão tremendo e horrivel infortunio! Porquê? Porque eu nunca vi que algum christão fôsse bom e justo e desdenhasse dos mysterios da religião. Não conheci ainda sacerdote algum, que mereça o nome, que não tivesse devoção e culto especial pelo SS. Sacramento. E é notavel, *striking*, que todas as heresias e todos os viciosos professem especial aversão pela Eucharistia, que em todos os tempos foi a consolação dos fracos, e fortaleza dos martyres. Eu mesmo posso attestar com viva simplicidade e inteira boa fé, que a muitas feridas da minha vida, e innumeras fraquezas da minha alma só tenho encontrado amparo, allivio e força n'esse Alimento do Céo.

Com effeito, o mysterio da vida christã está encerrado nas quatro tabuas dos nossos tabernaculos, junto aos quaes as intelligencias menos cultas trocam dialogos os mais sublimes! Eu não posso crêr que um simples boccado de pão possa encher o nosso coração de affectos tão sublimes e arrancar a tantas almas simples, ternas lagrimas de commoção. Deus mentiria á sua propria essencia communicando sentimentos tão elevados e puros aos catholicos em face d'uma mentira, e, o que é mais, operando n'elles a amellioração da vida e costumes. O melhor alimento physico é incapaz de transformar um vicioso em um santo e muito menos um descrente ou impio em fervoroso adorador da Eucharistia. Um protestante convertido distingue-se principalmente pelo seu culto fervoroso pelo SS. Sacramento, como se póde vêr pelas obras do convertido Padre Faber que foi ministro anglicano.

Este mysterio formidavel e inaudito escandalisa muitos *sabichões*, d'esses pobres inflados que julgam possuir a sciencia toda, mas que não reparam que estão engolphados em vicios, com o coração cheio de amor terreno—incompativel com o Pão dos Anjos; não reparam que tambem sabios (e estes verdadeiros) como um Agostinho, Wiseman, Sechi, Frederico Schellegel fôram catholicos!

Não admira toda esta guerra e profanação dos nossos altares; e por isso os homens de 93 só acharam digna do seu culto uma *prostituta* (deusa da Razão!) que ergueram sobre os altares profanados da *Notre-Dame!...*

Que as festas d'este dia, que é como que o resumo da Redempção e a cupula da Igreja catholica, o culto, o amor, a piedade e os louvores de tantas almas crentes e agradecidas ao Bom Deus, repare tantos ultrages, afaste tão merecidos castigos e congregue tantos espiritos transviados, deve ser a suprema aspiração dos que sao felizes na fé e no amor de Jesus Sacramentado!

F. d'Ayala.

SECÇÃO DOUTRINAL

O espirito de paz da V. Ordem Terceira

A em muitas *Fraternidades* de França o louvavel costume de fazer publicar pequenas folhas de propaganda, que são distribuidas gratuitamente a todos os membros da Fraternidade, e ainda a outras pessoas a ella estranhas, filiadas ou não na Ordem Terceira. Uma d'estas folhas publicou ha tempos o artigo seguinte, que muito gostosamente offerecemos aos nossos leitores, attenta a sua capital importancia e o especial interesse de momento, que lhe dá toda a actualidade.

O *Espirito de paz* é uma das condições que deve ter todo o verdadeiro filho de S. Francisco. A razão é clara; o fim que a Terceira Ordem tem em vista perante a sociedade é fomentar um amor sincero para com a religião, nossa mãe. Ora, haverá, porventura, mais poderoso incentivo para fazer votar ao desprezo as suas praticas tão legitimas, do que uma virtude toda impaciente, toda egoista, unicamente preoccupada em satisfazer suas caprichosas phantasias, sob pretexto de devoção?

A verdadeira devoção consiste no sacrificio, na abnegação; este sacrificio, porém, para com Deus, de maneira alguma prescinde d'uma dedicação verdadeiramente sincera para com o nosso proximo. E' o apostolo S. João que nol-o diz: — «Se não amaes o vosso proximo, que vos é sempre presente, como amareis vosso Pae Celeste que não vêdes?»

S. Francisco dizia: — «Sereis no meio do mundo, de modo tal que, quem vos ouve e vos escuta, ame ternamente a Deus, nosso glorioso Pae. Annunciae a todos a paz; dizei-lhes: — «O Senhor vos dê a sua paz.»

Mas essa paz que aos outros annunciaes, é necessario que a possua vosso coração. Não escandaliseis, nem irriteis ninguem; vossa doçura e affabilidade a todos arraste e conduza á verdadeira paz e concordia. Olhae, nossa vocação é de curar os feridos, confirmar os fracos, conduzir a bom caminho os que d'elle se apartaram. Na realidade, muitos vos parecerão filhos de Satanaz, mas acabarão por se tornarem verdadeiros filhos de Jesus Christo.»

Programma genuinamente christão, brazão verdadeiramente evangelico, que a Ordem Terceira tem conservado e defendido com toda a louçania em todas as épocas de sua existencia! Um S. Luiz, rei de França, dando indistinctamente a todos audiencia sob o roble secular de Vincennes; Santa Isabel d'Hungria, desthronada, infeliz, não tendo uma palavra aspera para aquella miseravel que a arremessa a um charco; Santa Isabel, rainha de Portugal, consagrando a sua vida toda na pacificação dos povos e dos soberanos, bastam para dar a conhecer qual o caracter da V. Ordem Terceira.

«De que me aproveitará o encolerisarme? dizia Santo Elezeario; n'isso não en-

contro vantagem alguma. Sinto muito o mal que me fazem ; mas apenas presinto em meu coração algum sentimento de indignação, volto-me logo para o meu Jesus, que por mim soffreu tantos opprobrios, ultrages e maldições, quando merecia o respeito das creaturas todas ; dou-me por muito feliz, e de tal maneira me sinto disposto a tudo soffrer, que, se os meus domesticos me cubrissem de toda a sorte de injurias, estimaria isto em muito pouco, em comparação do que o meu Jesus soffreu por mim. Este pensamento impressiona tanto a minha alma, que illude todos os assaltos de minhas paixões. Deus, além d'isso, concedeu-me tambem a graça especialissima de amar com um affecto especial os que mais me offendem, julgando-me digno de tudo isto, e ainda de muito mais, em satisfação de todas as minhas culpas.»

Um tal espirito de paz dá á vida do Terceiro um caracter todo de condescendencia generosa, de sacrificio, de paciencia, de abnegação, d'uma amavel alegria, que faz a virtude querida de todos.

N'esta vida de sacrificios o filho de S. Francisco conhece apenas um obstaculo, um caminho intransitavel : está disposto a todo o sacrificio, não contrariando, porém, a sua consciencia ; para bem da paz sacrificar-se-ha a tudo, excepto ao peccado. Porque o Terceiro tão pouco preoccupado dos seus direitos, jámais esquecerá os de Deus; deixa-se arrastar pela caridade, mas nunca em detrimento da justiça. Sem repugnancia adoptará a divisa de *Garcia Moreno,* o presidente Terceiro, victima da maçonaria :

«Quanto a mim, esta é a minha divisa : Liberdade para todos e para tudo, excepto para o mal e para os malfeitores. Rir-se-ha de mim o demonio, porque esta é tambem a sua divisa, propriamente sua ; tem apenas esta differença: elle chama bem ao que é mal e mal ao que é bem ; além d'isso a mentira é uma de suas armas mais predilectas, quando inteiramente desconhecida no campo do Deus de verdade.»

O Terceiro deve precaver-se contra est'outra paz apparente, a proposito da qual Jesus declara : — «Não julgueis que vim trazer a paz á terra; não vim trazer-lhe paz, mas espada. Porque vim separar o filho de seu pae e a filha de sua mãe, a nora de sua sogra. E terá o homem por inimigos os seus proprios domesticos.»

Em vez de uma paz um tanto exotica, os Terceiros devem procurar a unica paz possivel, que consiste na obediencia a Deus, porque elle mesmo nos assegura que não ha paz para os impios.

Abster-se-ha o Terceiro sobre-modo de commetter peccado algum sob pretexto de manter a paz. Collocado nos dois extremos, de desgostar a Deus ou ás creaturas, terá coragem e valor para dizer : — Quero antes obedecer a Deus que aos homens.» E' assim que o illustre chanceller do rei de Inglaterra, e Terceiro illustre, Thomaz Morus, sóbe ao patibulo, para não assignar com a sua mão, o que reprovava em sua consciencia.

O Terceiro fará sempre que o seu Deus não seja offendido e, quanto estiver ao seu alcance, conduzirá os outros pela via do bem. Saberá ouvir, resignar-se, olhar a proposito, reprehender, animar ; e quem sabe das felizes industrias que o seu amor ardente lhe inspirará ? Soffrerá com resignação, e até com alegria, todas as difficuldades e contradicções que provoca esta attitude, aliás tão legitima. E em momentos difficeis terá a coragem que levava Garcia Moreno a exclamar : — «A injuria é meu salario. Se me odiassem por qualquer falta commettida, eu lhes agradeceria e curaria de emendar-me ; mas o que elles em mim detestam é a fidelidade a meu Deus ; eu lh'o agradeço tambem, e farei por sempre lhes merecer tal odio.»

Obrando d'esta sorte, é que o Terceiro dá provas evidentes de seu *espirito de paz* e merece o nome de filho de Deus e de S. Francisco.

Fr. Miguel Angelo.

Acção franciscana

O Centenario do Padre João Perez. — Na Hespanha trata-se de celebrar o quarto centenario da chegada á America, na qualidade de missionario, do padre João Perez de Marchena, que, com os seus conselhos e protecção, coadjuvou Christovam Colombo na colossal empreza da descoberta do novo mundo.

Os americanos acolhem com prazer este projecto, e querem tambem celebrar faustosamente, a data de um dos maiores acontecimentos da sua historia.

Uma utilissima proposta. — Para que a Ordem Terceira possa facilmente diffundir-se entre o clero, e produzir n'elle fructos salutares de vir-

tude e santidade, o padre Antonio Coronata de Castellamare, residente em Palermo, propõe alistar na Ordem Terceira os alumnos dos seminarios, como se faz em França. D'estes futuros sacerdotes depende a salvação da sociedade. E para christianisar o povo, devem elles, se quizerem conseguir tal effeito, recorrer á Ordem Terceira, que, segundo a palavra inspirada do grande Leão XIII, reaviva admiravelmente o sentimento christão, nutre o amor á virtude, e reconduz os povos á mansidão, á concordia e á paz.

Urge pois que os seminaristas de hoje, enamorando-se do grande instituto franciscano, conheçam os beneficios produzidos por elle em todos os tempos, e estudem a organisação dos Terceiros francezes e belgas, com respeito á reconstituição christã e economica do povo. D'este modo, ordenados sacerdotes, poderão ser os apostolos da grande familia franciscana e os salvadores da sociedade.

A esta piedosa e opportuna proposta, adheriu, com plena approvação do seu bispo, todo seminario de Siracusa, que immediatamente deu o seu nome á Ordem Terceira.

Possa este edificante exemplo, em uma época mais ou menos proxima, ter imitadores entre os seminaristas portuguezes.

Peregrinação a S. Pedro Regalado em Aguilera.—Nos dias 12 e 13 de maio, reuniu-se no milagroso santuario d'este penitente celebre uma numerosa peregrinação.

Teve um exito magnifico; pois, se bem que na ultima peregrinação passaram de vinte mil os fieis que se fôram prostrar diante do sepulcro de S. Pedro Regalado, d'esta vez excedeu muito a espectativa geral.

Tomaram parte n'ella muitissimas pessoas da diocese de Osma com o seu prelado á frente, de Burgos, Valladolid, Palencia, Segovia e de muitos outros pontos da Hispanha.

O enthusiasmo dos peregrinos era indescriptivel. Os vivas a S. Pedro Regalado, á Igreja e á Ordem franciscana eram atroadores.

No dia 12, já não se cabia no sanctuario. A's 6 da tarde, o bispo de Osma fez uma commovedora pratica; seguiu-se a novena do Santo, durante a qual prégou aos peregrinos o padre Puga um sermão arrebatador. Os peregrinos passaram toda a noite na adoração do Santissimo; a communidade cantou todo o officio votivo do Santissimo Sacramento e prégaram o deão da Sé de Osma e mais dois parochos, todos de bons créditos oratorios.

No dia 13 commungaram mais de duas mil pessoas, e celebraram-se diante do sepulcro de S. Pedro Regalado 50 missas.

A missa de pontifical celebrou-se ao ar livre, e o panegyrico do santo foi prégado pelo padre André Ocerin Jauregui, superior do convento, e assás conhecido em Hispanha pela sua palavra eloquente e cheia de zêlo. Depois da missa, houve a procissão com a reliquia do santo; foi uma verdadeira manifestação religiosa. Todos se commoveram com a despedida prégada pelo bispo de Osma aos seus diocesanos.

A satisfação e jubilo transluzia no rosto dos peregrinos, que, ao retirar-se, bemdiziam todos a **Deus pelas maravilhas** que obra por meio do grande santo franciscano, e os religiosos do convento pela optima organisação da peregrinação.

Os capellães da armada italiana. — N'estes ultimos tempos, formou-se, em Italia, a associação dos missionarios catholicos italianos. Um dos primeiros resultados d'esta obra, foi a creação de capellães militares a bordo de cada vaso de guerra. O governo italiano, desejando assegurar á politica exterior o precioso concurso dos missionarios, não rejeitou este pedido da commissão, e, o que é para notar, pois todos sabem que o governo italiano não passa por clerical, na mesma occasião em que Lanessan, ministro da marinha franceza, tomava a odiosa medida que se sabe, com respeito á sexta-feira santa, decidia o governo e o rei Humberto que, de futuro, um religioso franciscano desempenhe a bordo de cada navio de guerra as funcções de capellão da armada.

O Padre Leonardo Lemmens. — O Superior geral da Ordem franciscana acaba de dar um successor ao padre Eusébio Fermindzin, o notavel continuador dos *Annaes da Ordem dos Frades Menores*. O padre Eusébio publicou vinte e cinco volumes *in folio* d'este immenso trabalho, começado pelo celebre Wading. Já muitos materiaes estavam reunidos para o vigesimo sexto volume, quando a morte suspendeu os trabalhos do zeloso compilador.

De ora ávante, o padre Leonardo Lemmens, da provincia de Fulda, já conhecido por obras de grande importancia, continuará os Annaes. O vigesimo sexto volume começa no anno de 1622, e abraçará, como os precedentes, um periodo de dez annos.

A perseguição na China. — Succede frequentes vezes na China os mandarins eximirem-se facilmente da obediencia do imperador, e então movem perseguições locaes, sem que na côrte se saiba alguma coisa. Agora mesmo trezentas e cincoenta christandades da missão franciscana do Chang-Tong septentrional, acabam de ser destruidas por uma d'essas perseguições. O sangue dos christãos correu em abundancia, e os martyres fôram numerosos.

Um missionario dá-nos interessantes e edificantes pormenores, sobre o martyrio de um d'elles:

«A morte do catechista Uan-kuen-sie, da aldeia de Man-tchouan, pertencente á prefeitura de Buop'in foi admiravel. Prezo em Ma-ka-cha-wol, foi immediatamente despido, açoitado e arrastado pelas ruas. Ataram-lhe as mãos e os braços atraz das costas, e assim o levaram, de pés descalços, até á aldeia de Tchan-kuen-t'uin para que tivesse a dôr de vêr, com os seus olhos, saquear esta christandade. Depois tornaram a leval-o para Ma-kia-cha-wol, e, finalmente, arrastaram-no para junto da sub-prefeitura de Qchen-p'in. Ahi as auctoridades fizeram-no passar por um interrogatorio:

— E's tu na verdade christão?

— Sim, sou christão!

Ao ouvir esta resposta, cortam-lhe uma orelha.

— E's ainda christão? Perguntaram-lhe segunda vez.

— Sim, sou christão!
Cortam-lhe a outra orelha.
— E's christão ou não?
— Sim, sou christão!

Foi a sentença de morte! O alfange caiu sobre o seu pescoço, a cabeça rolou-lhe pelo chão, e foi augmentar a gloriosa phalange dos martyres.

O seu corpo foi sepultado em segredo por sua propria familia, em sua terra natal.»

O congresso internacional da Ordem Terceira. — Falando d'elle, o «Osservatore Cattolico» diz:

«A julgar pelas noticias que nos chegam de toda a parte, podemos bem prevêr que o congresso será imponente e respeitavel. De França virá uma grande caravana, conduzida por Harmel, o bom pae dos operarios. Formar-se-ão outras na Allemanha e na Belgica. Muitos Terceiros da Alta-Italia tomarão tambem parte no congresso. Em Turim formou-se uma commissão promotora para organisar, por essa occasião, uma peregrinação, que será muito numerosa. Uma outra commissão funcciona em Novara, e uma terceira em Milão para toda a Lombardia. A palavra do Papa, convocando os Terceiros franciscanos em Roma, no proximo mez de setembro, ha de ter grandes resultados; a pressa que se dão todos, e o enthusiasmo com que procuram responder a este appêllo do Soberano Pontifice, promette-nos um espectaculo commovedor e edificante.»

O «Oriente Serafico» de Assis, annuncía, por sua parte, uma numerosa peregrinação franciscana da Umbria.

Nos «Echos des Grottes de Santi Antoine» lêmos:

«Não permittindo ao padre Julio do Sagrado Coração o seu estado de saude occupar-se activamente da preparação da proxima peregrinação dos Terceiros francezes a Roma, foi designado pelo rev.mo padre Geral, para o ajudar n'esta circumstancia, o padre Marie-Bonaventure, já muito conhecido em França pelos seus escriptos.

O congresso da Ordem Terceira foi transferido para setembro. O Em.mo Cardeal Vives, acaba de informar Leão Harmel, de que o congresso ha de celebrar-se definitivamente de 22 a 26 de setembro, e que terminará com uma peregrinação aos sanctuarios de Assis. Durante a celebração do congresso, a 23, domingo, realisar-se-á a beatificação da veneravel Joanna de Lestonac, fundadora das Filhas de Nossa Senhora de Bordeus. Haverá comboios especiaes para transportar, de Roma a Assis, os nossos irmãos e as nossas irmãs da Ordem Terceira, que tomarem parte no congresso, ou individualmente ou como delegados das nossas fraternidades da França.»

Santo Protector para o mez de julho

O B. João de Dukla, C., da *1.ª O. (19 de julho).* — D'elle se refere que as primeiras palavras que articulou fôram os nomes dulcissimos de Jesus e Maria. Muito creança ainda, entrou na Ordem de S. Francisco, que chamam dos conventuaes, passando pouco depois para a que se denomina dos Observantes, em cujo seio ao tempo brilhavam luminares de tanta magnitude como S. Bernardino de Sena, S. João de Capistrano, S. Thiago das Marcas, etc. Foi seu mestre, na escóla da perfeição, o mesmo S. João de Capistrano; a seu exemplo, votou-se todo á salvação das almas, e teve a dita de trazer ao bom caminho innumeraveis peccadores. Converteu tambem um grande numero de scismaticos russos e armenios. Nos ultimos annos de sua vida cegou quasi por completo; mas nem assim abriu mão de seus trabalhos apostolicos: continuava prégando, dedicava-se com assiduidade incansavel ao ministerio do confissionario, etc.

Morreu aos 70 annos de idade, em 1484, sem haver nunca afrouxado um momento nos ardores de suas penitencias e inacreditaveis austeridades com que se macerava.

Virtude a imitar

O bom exemplo. — E' a mais eloquente prégação. As palavras movem e persuadem; mas os exemplos arrastam. Quantos não devem a um pernicioso exemplo a desgraça de sua alma, a sua eterna condemnação? Uma palavra, pronunciada, porventura, com mais imprudencia que malicia, um juizo sinistro ácêrca do proximo, que não houve o cuidado de occultar, uma acção vedada pela lei de Deus ou pelos dictames da nossa consciencia, e que nós julgámos ficaria para logo esquecida, ou que seria negocio a tratar-se só entre Deus e nossa consciencia, no supremo tribunal divino, — quantas vezes se não tem transformado tudo isto em poderosos meios de arrastar as almas á eterna perdição?

E ao contrario: uma boa palavra, um conselho prudente e sensato, uma insignificante bôa obra — se ha obras bôas que possam ser insignificantes — vêzes sem numero téem sido, nas mãos da Providencia, instrumentos da conversão de muitas almas, cuja felicidade não poderá deixar de reflectir se na nossa felicidade, e cuja gratidão poderá ser para nós tambem um poderoso auxiliar para conseguirmos o céo.

Insensato será quem não fizer desde agora por agenciar para o dia da conta antes valiosos advogados, que se interponham em seu favor, do que inexoraveis accusadores a bradar justiça contra aquelle que, com seu mau exemplo, foi o motivo de eterna perdição das almas.

Absolvição geral

No dia 2 — Visitação da Santissima Virgem.

Indulgencias a lucrar

Plenarias:

1 — No dia 9, S. Nicolau e companheiros, Martyres, da 1.ª Ordem.

2 — No dia 14, S. Boaventura, Bispo Confessor e Doutor, da 1.ª Ordem.

3 — No dia 24, S. Francisco Solano, Confessor da 1.ª Ordem.

Parciaes :

1 — Em cada dia do mez, 300 dias de indulgencia.

2 — Nos dias, 6, 13, 20 e 27, — 100 dias.

3 — Nos dias, 1, 7, 8, 14, 15, 21, 22, 28 e 29, — 198 annos e outras tantas quarentenas.

4 — No dia, 9, 14 e 24,—256 annos e 50 quarentenas.

Para lucrar estas indulgencias requer-se a visita d'uma igreja franciscana, ou d'outra qualquer ordem mendicante, rezando ahi tres *Padre Nossos,* tres *Ave Marias* e tres *Gloria Patri*, em honra da Santissima Trindade.

Além de todas estas indulgencias podem os Irmãos Terceiros lucrar mais as seguintes :

Uma plenaria em qualquer dia do mez, á sua escolha ; outra no dia da reunião mensal nas condições ordinarias : outra plenaria na hora da morte, invocando o *SS. Nome de Jesus* com a bocca, e não podendo assim, invocando-o só mentalmente ; mais uma vez nos dias acima notados em que se dá a absolvição geral ; igual indulgencia ganha quem rezar cinco vezes o *Padre Nosso, Ave Maria* e *Gloria Patri* pela liberdade da Igreja e pelo Summo Pontifice ; finalmente tantas indulgencias plenarias, quantas as vezes que rezarem a *Estação do SS. Sacramento*, isto é, seis *Padre Nossos*, seis *Ave Marias* e seis *Gloria Patri,* com todas as mais indulgencios de Roma, Logares Santos, Assis e Compostella.

As indulgencias que são concedidas sob condição de que se visite uma igreja franciscana, podem lucrar-se, onde não houver taes igrejas, visitando a igreja onde está erecta a respectiva fraternidade ou na falta d'ella, a igreja parochial.

Por ultimo, conheçam os Irmãos Terceiros que todas estas indulgencias, e bem assim qualquer obra meritoria, podem ser applicadas pelas almas do purgatorio. Aconselha-se, pois, que não omittam um tão bello acto de caridade em favor das almas tão queridas de Deus.

SECÇÃO HISTORICA

FLORINHAS DE S. FRANCISCO

CAPITULO XXXII

Como fr. Maceu impetrou de Christo a virtude da humildade

MUITO é para admirar o esforço com que os primeiros companheiros de S. Francisco estudavam meios de ser pobres das coisas terrenas, e ricos, muito ricos de virtudes, com o adminiculo das quaes se dá com o thesouro das verdadeiras riquezas celestiaes e eternas.

Succedeu que, estando elles um dia reunidos a praticar sobre coisas de Deus, um d'elles contou o seguinte caso :

«Houve um homem que era grande amigo de Deus, e possuia a graça extraordinaria da vida activa e contemplativa, e isto junto a tão excessiva humildade, que se havia pelo mais miseravel peccador do mundo; humildade que o santificava e como que o confirmava em graça. As virtudes n'elle continuamente medravam, os dons de Deus avolumavam-se a olhos vistos, não o deixando jámais caír em peccado.»

Ouvindo fr. Maceu tão maravilhosas coisas da humildade, e conhecendo que era em bôa verdade esta virtude um penhor de vida eterna, pegou-se-lhe n'alma tão viva chamma d'amor por tão peregrina joia, que, levantando ao céo o rosto banhado de santo fervor, propoz firmissimamente não se alegrar mais n'este mundo, emquanto não sentisse perfeitamente a humildade em sua alma.

E, d'aquelle dia em diante, quem o quizesse vêr, havia d'ir a sua cella, que lá estava o bom de fr. Maceu encerrado, macerando-se de continuo com jejuns, vigilias, orações e lagrimas sentidissimas diante de Deus, para impetrar d'Elle esta virtude, sem a qual se reputava digno do inferno, e que tão brilhante fulgia n'aquelle amigo de Deus de quem lhe tinham falado.

E permanecendo por muitos dias n'este seu desejo, succedeu de entrar uma vez na matta com tanto fervor d'espirito, que errava por ella derramando lagrimas, suspiros e vozes, que traduziam o fervente desejo com que pedia a Deus esta divina virtude. E, porque Deus presta ouvidos attentos ás orações dos humildosamente contrictos, rompeu do céo uma voz que duas vezes chamou : fr. Maceu, fr. Maceu ! Conhecendo este que era a voz de Christo, acudiu.

— Senhor meu !

— Que queres tu dar para haveres a graça que pedes ? — perguntou o Senhor.

— Os meus olhos, Senhor ! volveu fr Maceu.

— E eu quero que tenhas a graça, e mais os olhos.

E, dito isto, desappareceu. Fr. Maceu sentiu-se logo possuido da anhelada virtude da humildade, e alagado de tamanha luz de graça divina, que d'ali ávante era todo santo jubilo e alegria. Muitas vezes, quando orava, não cabendo em si de contente, a modo de pombo que arrulha de farto, fazia uh! uh! uh! E assim se lhe escoava suavemente o tempo na contemplação das coisas celestiaes. Humillimo, reputava-se o mais vil homem do mundo.

CAPITULO XXXIII

Como Santa Clara, por ordem do Papa, lançou a benção ao pão que estava sobre a meza, ficando em todos os pães gravado o signal da Santa Cruz.

Santa Clara, devotissima discipula da cruz de Christo, e nobre filha espiritual de S. Francisco, possuia a santidade em tão alto grau, que não só os bispos e cardeaes, mas até o Papa desejava mui de coração vê-la e ouvi-la, o que o levava a fazer-lhe frequentes visitas. Entre outras foi uma vez o Papa ao mosteiro onde era a Santa, com o fim de ouvil-a falar sobre coisas do céo e de Deus. Emquanto discorriam em dôce conversação, chegou a hora de Santa Clara mandar aprestar a meza; o que ella mandou logo que se fizesse, a fim de ter a consolação de dar a sua communidade uma refeição abençoada pelo Santo Padre.

Por isso, terminada que foi a pratica espiritual, Santa Clara ajoelhou-se com reverencia filial, e pediu ao Papa que se dignasse abençoar o pão que era na meza.

Respondeu o Santo Padre:

— Fidelissima irmã Clara, quero eu que tu abençôes este pão, e lances sobre elle o signal da santissima Cruz de Christo, a quem de todo te devotaste.

— Santissimo Padre, volveu Santa Clara, escusae-me, porque mui para censurada seria eu que não passo de vil e pobre mulher, se ousasse, ante o Vigario de Christo, fazer tal.

— Para que ninguem te impute isto a presumpção, mas a merito da obediencia, ordeno-te que sobre estes pães faças o signal da santissima cruz em nome de Deus.

Santa Clara, camo verdadeira filha que era da obediencia, com entranhada devoção abençou aquelles pães; e a subitas, coisa admiravel! em todos elles appareceu entalhado a primor o signal da Cruz. D'aquelles pães parte fôram comidos, e parte fôram religiosamente guardados como provas do milagre.

E o Santo Padre, tendo presenciado o estupendo milagre, depois de ter tomado para si porção d'aquelle pão, partiu dando graças a Deus, e deixando Santa Clara confortada com sua benção.

N'aquelle tempo viviam no mesmo mosteiro soror Hortolana, mãe de Santa Clara, soror Ignez, sua irmã, e outras muitas monjas cheias de virtude e d'Espirito Santo, ás quaes S. Francisco remettia muitos enfermos, a quem ellas com suas orações e com o signal da Santissima Cruz restituiam a saude.

CAPITULO XXXIV

Como S. Luiz rei de França foi a Perugia visitar o Santo Fr. Gil

Andava S. Luiz rei de França em peregrinação visitando varios sanctuarios do mundo, e, chegando-lhe aos ouvidos a fama grande de santidade de Fr. Gil — que foi um dos primeiros companheiros de S. Francisco — assentou e resolveu em seu coração ir pessoalmente fazer-lhe uma visita; pelo que se dirigiu a Perugia, onde vivia Fr. Gil.

Chegando á portaria do convento dos frades, como um pobre peregrino desconhecido, apenas com alguns companheiros, perguntou com muita insistencia por Fr. Gil, não dizendo ao porteiro quem era que o demandava.

Foi, pois, o porteiro significar a Fr. Gil que á portaria estava um peregrino que lhe desejava falar; e logo foi revelado por Deus ao bom religioso que era o rei de França.

Saindo em grande fervôr da cella correu á portaria. Sem mais preambulos, sem nunca se terem visto, apenas em presença um do outro, ajoelhando devotamente abraçaram-se e beijaram-se com tanta familiaridade, como se datasse d'annos a sua amizade. Nem uma palavra lhes vinha aos labios; mas em dôce amplexo, com signaes do mais effusivo amôr, permaneciam em silencio.

Depois de estarem largo espaço assim, sem soltarem palavra, apartaram-se: S. Luiz

continuou sua peregrinação, Fr. Gil tornou ao seu quarto.

Partindo o rei, um frade perguntou a um dos seus companheiros quem era aquel le peregrino que tinha abraçado tão fraternalmente Fr. Gil; e respondeu-lhe que era Luiz rei de França, que de proposito viera a visitar Fr. Gil.

E assim vieram os demais frades a saber quem era o estranho peregrino, ficando sobremaneira pezarosos de que Fr. Gil lhe não tivesse dito nem palavra.

Disseram-lhe, pois, lamentando-se: «Fr. Gil, porque tão descabida grosseria, quando tão santo rei para vêr-te, e ouvir de ti algumas boas palavras, veio de França aqui?»

Respondeu Fr. Gil: «não vos faça admiração o meu proceder; porque nem eu a elle, nem elle a mim podia dizer palavra. Assim que nos abraçámos veiu a luz da sabedoria e poz-nos um para o outro a descoberto os corações, e assim, por uma operação divina, olhando-nos em nossas almas, tudo quanto poderiamos dizer, o conheciamos muito melhor e com mais intima consolação, de que o fariamos por meio de palavras, se quizessemos explicar o que nos ia nos corações.

Pela deficiencia da linguagem humana, que não póde exprimir os arcanos de Deus, só poderiamos colher desconsolação d'onde nos devia vir, e veiu consolação. Porque, é bom que o saibaes, o rei em verdade partiu admiravelmente satisfeito e consolado.»

Pensamentos

Por liberdade verdadeira ha de entender se o direito de obrar tudo o que as leis justas nos permittem.

CONDESSA ROSA DE S. MARCOS.

♦

Proponho que se inscrevam no *pantheon*, acima da inscripção: «aos grandes homens a patria reconhecida» — est'outras palavras: «veio a revolução franceza, e o operario, para poder viver, foi obrigado a trabalhar mais um dia por semana».

PEDRO LEROUX.

♦

O dinheiro é um artigo que póde servir de passaporte universal para ir a toda a parte, menos ao céo, e que póde dizer se origem de todas as coisas, menos da felicidade.

♦

A experiencia é o segredo do tempo, e elle não o revela senão á sociedade, a qual sobrevive ao homem e aos systemas que este fabrica, e cedo ou tarde chega a recolher os fructos da arvore que viu plantar.

BONALD.

A flôr

Não sabe a flôr quem manda a luz do dia
Nem quem lhe esparge o nectar que a deleita
Ao despontar da aurora:
E ella agradece as lagrimas que acceita
E ella as converte em balsamo que envia
Ao Mysterio que adora.

JOÃO DE DEUS.

ANECDOTAS

Um avarento convidou um amigo para jantar e mandou o creado que matasse uma gallinha.

Quando o creado se dispunha á operação, o avarento reparou e disse:

— A gallinha é muito grande. E' melhor matar só metade!

♦

Ora vamos, compadre: não sei que razão você possa ter para não me emprestar os cem mil réis. Não confia em mim? Então não vê como tenho impressa n'este caracter a honradez?

— Pois sim, não o contesto; mas é uma impressão que tem muitos erros de imprensa...

♦

O juiz: Então porque roubou você um par de botas velhas?

O réu: Olhe, snr. juiz, é que eu... julgava que ellas eram novas...

♦

Na desobriga:

«Então, snr. prior, a minha pequena ainda não póde vir á desobriga?

— Isso sim! Pois se ella nem sabe que Jesus Christo morreu por nós...

— Não admira, snr. prior. A gente não lê os jornaes... Eu nem sequer soube que elle estava doente...

Leituras amenas

O sino do convento

PERDIDO entre frias e asperas montanhas, levantava-se, em tempos mais felizes, um pequeno conven-

to ou oratorio franciscano, aonde aquelles, d'entre os filhos do grande patriarcha S. Francisco, que desejavam levar uma vida mais contemplativa, se acolhiam.

Ali, privados da communicação com os homens, consagravam-se todos á oração, ao jejum, a toda a sorte de penitencias e austeridades.

Havia muitos annos, que por aquelles sitios divagava uma famosa quadrilha de ladrões, que, roubando e assassinando a quantos lhes cahiam nas mãos, espalhavam por toda a parte o terror e a desolação.

Tinham, porém, grande veneração e respeito pelo convento.

Distinguia-se d'entre os bandidos um joven de estatura esbelta, ousado e valente, o qual se ufanava de nunca se ter apoderado de alguma preza, sem primeiro lhe dizer que se puzesse em guarda.

Comtudo, estas qualidades, a que, aliás, poderiamos chamar bellas, além de as empregar em tão desastrada faina, eram envoltas n'um mar de paixões as mais vehementes, e de vicios os mais repugnantes.

Os horrores de que as breves paginas de sua vida estavam enegrecidas, faziam-no repugnante a seus mesmos companheiros.

Soaria, porém, uma hora em que a graça triumpharia d'aquelle coração impregnado de vicios. E esse momento, embora tarde, chegou.

.....

E' meia noite.

Escondido á raiz d'uma fraga, de clavina em punho, punhal á cinta, destaca-se por entre as sombras o vulto d'um homem.

E' um dos bandidos, á espera de dois viajantes que se vão approximando.

Quem, n'aquelle momento, se lhe achegasse, veria transparecer em seus labios feroz sorriso de satisfação.

Eil-o, que lá sae do seu esconderijo; reconhecei-o: é aquelle joven ousado e valente de que vos falei.

— *Alto lá!* ia elle a dizer, quando pelas quebradas da montanha, repercutindo-se de vale em vale, soou lenta e pausada a primeira pancada do sino grande do convento, chamando os Religiosos aos louvores divinos.

Raio que lhe cahisse aos pés não o commoveria mais que aquelle som monotono e triste.

— E' meia noite!... fôram as primeiras palavras que lhe caíram dos labios, passada a primeira impressão.

E foi esta a primeira vez que teve mêdo.

Mêdo!... mas de que?

De si mesmo, de sua vida, de sua consciencia.

— E' meia noite... e para que tocariam o sino?

Era este um pensamento que ha muito lhe prendia a attenção.

— Para que tocam os frades o sino á meia noite? Ia elle perguntando-se a si mesmo, caminhando a largos passos para o convento. Vinha ainda a alguma distancia e começou a ouvir cantar: á medida que mais se ia approximando, melhor ouvia o murmurio das vozes até que chegou em frente da Igreja e viu que era do côro que vinham as vozes e que era cantando os louvores de Deus; e exclamou: *Meia noite!... hora de grandes crimes e de sublimes acções!... E isto todas as noites!... todas as noites á hora em que eu e meus abominaveis companheiros matamos e roubamos, a essa mesma hora estes santos homens oram a Deus; quem sabe?... talvez por mim...*

E sentando-se nas escadas do templo, ficou embebido em triste e profundo pensar.

Passou ante os olhos de sua imaginação toda a vida, desde menino até aquelle momento.

Viu-se innocente nos braços de sua mãe; alegre, correndo atraz das borboletas, quando seu pae o levava ao campo; depois, no collegio, amado e querido de seus superiores. Lembrou-se, com magua, d'esse tempo feliz em que suas aspirações eram ser bom e não desgostar seus paes que nada d'este mundo amavam senão a elle; depois apresentou-se lhe á imaginação sua vida de salteador. Como fugiu do collegio, quando apenas contava desaseis annos, e isto unicamente para fazer a vontade a um traidor que lhe chamava *amigo*; como, depois de ter gasto o dinheiro que comsigo trazia, se metteu por aquellas montanhas, travou conhecimento com um salteador, que depois de lhe matar a fome o obrigou a seguil-o.

Quanto são bellas, dizia elle, quanto são bellas as imagens da minha primeira vida, e ao contrario que horror as da segunda! Minha mãe, minha querida mãe... tu decerto não sabes o que eu tenho sido ha oito annos para cá... oh! se o soubesses...

.....

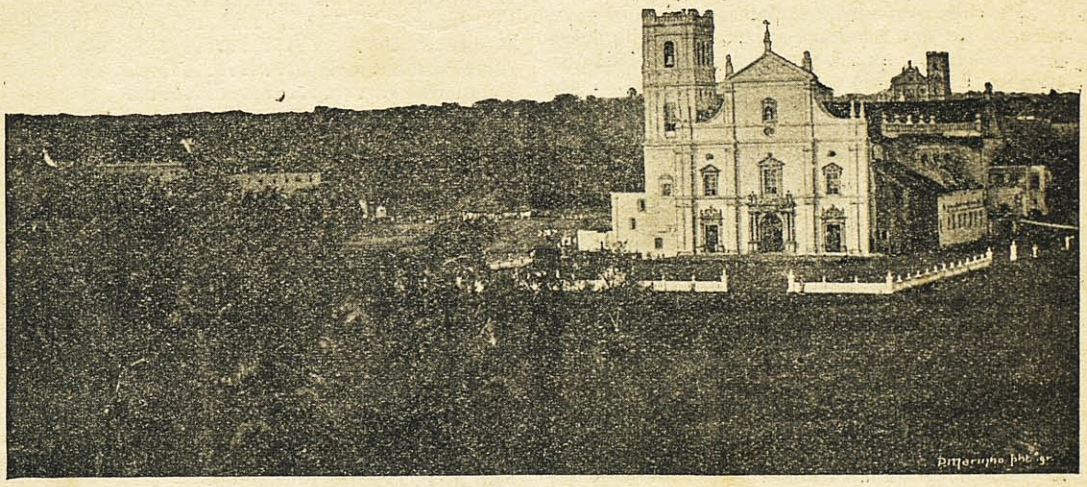
Passados alguns dias via-se entre aquelles santos religiosos, quasi todos de idade bastante adiantada, um novo religioso, de poucos annos ainda, cujo fervôr era exemplo e edificação para os mais velhos.

Seus olhos apenas se levantavam para o céo; sua bocca só falava do céo; e seus pensamentos eram todos do céo.

Esse joven religioso é o bandido que vimos esperar os dois viajantes, para os roubar e matar, e que a voz do sino grande do convento revocou a uma vida honrada e christã.

Quando á meia noite o sino o accordava para convidar os frades a louvar a seu Creador, abria a janellinha de sua cella, e, olhando ao longe para o sitio onde esse mesmo sino lhe foi marcar o momento de sua conversão, exclamava: «*meia noite... hora de grandes crimes e sublimes acções...*»

E lá ia para junto do altar, a orar pelos seus companheiros no crime, para que Deus se apiedasse d'elles e os fizesse seus companheiros no arrependimento.



Sé Cathedral de Gôa

CULTO DE S. ANTONIO

COM A MÃO ESQUERDA?

A scena dá-se em uma pequena cidade do meio-dia da França. Representam n'ella apenas dois personagens: Ella .. e Elle...

Ella... é uma boa senhora, ainda solteira, já no declinar da vida, que, não obstante, anda com passo ainda muito firme.

Todos innumeraveis dias da sua vida, tem caminhado para Deus pelo seguro tramite do dever, cumprido com generosidade.

Ella... é o hom humôr constante, immutavel. Sem saudade do passado, sem inquietação pelo futuro, nada a sua alma em um oceano de paz, que exteriormente se derrama em bondade, em indulgencia, em amabilidade e graça.

Ella... é a *velha donzella*, aceiada, ordenada, com a exquisita polidez de outras idades, mulher de muito gosto em seu tempo, original e sempre espirituosa.

E' uma velha não velha; uma velha que nunca envelhecerá; que se conservará perpetuamente joven no espirito e no coração.

Uma monomania a tem preservado de todas as manias das *velhas donzellas*: a monomania da caridade.

* * *

Elle... é um padre na força da vida; um d'estes padres emprehendedores: fundadores de patronatos, de orfanotróphios, de hospitaes, de bibliothecas christãs, de escolas livres...; promotores de obras sociaes: caixas do operariado e ruraes, syndicatos, congressos; edificadores de igrejas, que sabem, offerecendo-se a occasião, travar assim da trolha como da penna, manejar a palavra e o rabote... Emfim, um d'estes padres attingidos da loucura da Cruz, que é incuravel. Ainda que peze aos prudentes e sabios, para estes loucos sublimes só achamos no céo os seus *hospitaes de doidos*.

Elle... é o padre que não conhece o temôr, nem o medo, nem a cobardia, nem o desanimo; que nunca usa da pequena velocidade; que jámais se detem ou embaraça; que em tempo algum se cança; que, diffundindo por toda a parte, com ardôr a boa doutrina, se tem ainda por servo inutil... O padre que, começada a obra, trabalha como se

elle só a devesse concluir, e se humilha na oração, como se Deus a devesse terminar sem cooperação alguma.

Elle... é o padre intransigente com tudo que respeita á honra e aos direitos da Igreja, sua mãe...; é o homem que, na sua qualidade de mendigo voluntario pelos miseraveis e desherdados da fortuna, responderia com agrado a uma injuria pessoal: — «Obrigado, já tenho para mim, agora para meus pobres...»

Ora, *Elle*, que não tem um real de seu, derrama thesouros a mãos cheias. E' que *Elle* parece se com *Ella:*

*
* *

Certo dia, pois, á mingua completa de dinheiro, apresenta se em casa da velha celibataria.

Entrado na sálazinha de visitas, onde ella está habitualmente, ficára grandemente surprehendido com a insolita commoção produzida n'ella pela sua visita, e que a bôa senhora se esforçára por dissimullar, mas em vão.

Percebe uma surda exclamação, depois ouve o ruido de um pequeno objecto que ella deixa cair no chão, e que, á pressa, occulta debaixo do vestido. Em seguida cae tambem o dedal... depois os oculos: — ultima catastrophe acompanhada d'estas sentidas palavras:

— Os meus olhos, os meus segundos olhos quebrados!

— Não se afflija, minha senhora, os vidros ficaram intactos, affirma o padre, que levanta cortezmente do chão os oculos-fixos da boa velha!

— Senhor padre, como supponho, vem pedir para as suas obras sociaes de S. Antonio de Lisboa. Inutil gastar eloquencia comigo. Vae vêr o que lhe reservo.

Disse; e, sem deixar a cadeira, tira da algibeira um mólhinho de chaves, e escolhe uma, pequenina e reluzente, de que ella se serve para abrir a gaveta de um móvelzinho ao seu alcance.

«Aqui está snr padre, diz ella apresentando-lhe duas notas de mil francos... permitta apenas que lh'as dê... com a mão esquerda.

— Com a mão esquerda! exclama o padre. Uma voz, porém, lhe dizia no fundo do coração: «que importa? Com tanto que eu as receba...» Dois mil francos com a mão esquerda!... com a mão esquerda?!... repete elle com sorriso. Mas porquê, senhora? Que eu saiba, nunca faz nada sem motivo, nem constrangida...

— Sim, snr. padre, com a mão esquerda. Eis a razão. Não achastes vós em mim, ao entrar aqui, um certo ar, um ar mysterioso e anormal?

O padre fez com a cabeça um signal affirmativo.

— E' que... é que... ouça: é que eu estava com vontade de...— e sorriu-se para alegrar o seu bom anjo — de... concertar uma das minhas botinas, para vêr se passa ainda todo inverno! Com os quinze francos, que me custaria um par de botinas novas, teria eu bôas chinelas forradas para calçar bem mais de um pobre...

— Muito bem! muito bem! Concerte, concerte, senhora, as botinas. Todavia, para diminuir o numero dos descalcinhos, não se faz mistér que passeis vós para a sua classe. Mas então a mão esquerda?

— Se vos dou, snr. padre, dois mil francos com a mão esquerda — aqui o xiz do mysterio — é para que a minha mão direita não saiba absolutamente nada. Se ella soubesse isto, talvez se negasse a cerzir as botinas velhas...

— Ah! exclama o padre arrebatado, o Evangelho não tem uma vez só, tem bem mil vezes razão. Acabaes de fornecer-me o segundo motivo por que este livro divino diz:

«Que a vossa mão esquerda ignore o que dá a direita», e reciprocamente.

PORTUGAL

Novos membros da Pia União. — Inscriptos até o dia 1 de junho:

Arcebispado de Braga		28
S. Miguel de Seide	7	
Gondar	9	
Santa Maria de Athães	1	
Guardizella	11	
Diocese do Porto		651
Porto	464	
Oliveira d'Azemeis	20	
Felgueiras	1	
Villa Nova de Gaya	17	
Sediellos	97	
Avintes	1	
Oliveira do Douro	13	
Jourosa	1	
Maia	1	
Mattosinhos	36	
Varias partes		3
Associados do numero passado		134:448
Total dos associados		135:130

Igreja de S. José, na Ilha Terceira. — Para esta obra recebemos a quantia de 1$000 réis do Snr. J. P. Pereira Fernandes.

BRAGA

No mez de abril fôram lançadas no respectivo cofre 58 cartas, sendo 43 petições e 15 de acções de graças.

Em maio 54 cartas: 42 petições e as 12 restantes a dar

GRAÇAS A SANTO ANTONIO

Meu querido Santo Antonio. — A vossos pés venho agradecer-vos as duas graças que me fizestes: a 1.ª de receber um dinheiro que já julgava perdido. Implorei a vossa protecção e, promettendo 500 réis para o pão dos vossos pobresinhos, recebi a dita quantia. Perdoae a minha demora, pois já foi em maio de 1899. A 2.ª foi a vossa valiosa protecção em uma sentença falsa, que contra mim se preparava, com falsos testemunhos; pedi-vos para intercederes por mim junto ao Sagrado Coração de Jesus, e fui absolvido, promettendo 500 réis para o pão dos pobres. Ahi vos envio es-

sa quantia. Agradeço, glorioso Santo, estas graças com toda a minha alma, com todo o meu coração, com todas as minhas forças e vontade de vos ser dignamente agradecido, e ao Santissimo Coração do meu bondoso Salvador. — *Barcellos.* — Todo vosso, *A. J. S.*

— Glorioso Santo Antonio. — Dando graças ao Altissimo pelo beneficio que recebi, mediante a vossa efficaz intercessão, envio-vos a inclusa quantia de 1$000 réis, para o pão dos pobres. — *Francisco.*

— Glorioso Santo Antonio. — Vimos cumprir a nossa promessa, em acção de graças pelo favor que nos fizestes, alcançando-nos o que vos pedimos. Offerecemos a esmola de 1$000 réis para o pão de vossos pobresinhos, e pedimos nos continueis a proteger. — *Braga.* — *M. E.*

— Esmola de 5$0 réis para o pão de Santo Antonio, offerecida por J. B. G., de Villa Nova de Tázem.

— Meu glorioso Padre Santo Antonio. — Envio-vos 1$000 réis que vos prometti para o pão de vossos pobresinhos, e agradeço-vos a graça que me fizestes, de eu sair livre na audiencia em que respondi por um falso testemunho que me levantaram, de falsificar uns documentos, o que tudo era mentira, e o juiz conhecendo que estava innocente, me deu por livre ; mas quem verdadeiramente me deu livre, não foi elle, mas vós, intercedendo por mim junto do Sagrado Coração de Jesus ; porque, como vós sabeis, as testemunhas juraram todas falso, sempre, até no dia do julgamento; e eu, e quasi toda a gente, julguei sempre que seria condemnado, embora innocente ; e porisso sempre vos pedia nas minhas orações ; e até no tribunal, sentado no banco dos réos eu vos invocava e pedia de todo meu coração, que, assim como viestes de Italia a Lisboa livrar vosso pae que estava innocente, assim vos pedia viesses do céo á terra para tocares no coração do juiz, a fim de esclarecer a verdade, para elle me dar livre, como succedeu. Eu só appellava para vós, porque tudo me corria mal, devido ás testemunhas que juravam falso por uma vingança, sendo eu pronunciado para entrar na cadeia 5 ou 6 mezes antes de responder, e vendo-me obrigado a prestar fiança para não entrar na cadeia. Quando foi o dia do julgamento, estava o tribunal cheio de gente para vêr a sentença que o juiz dava ; e este, depois de um pequeno discurso do meu defensor mandou-me levantar e disse-me : «vá-se embora, está absolvido,» sem outra reprehensão ! Foi porisso uma grande graça que me fizestes. Hoje venho a vossos pés agradecer este singularissimo favor. — *B.* — *Vosso devoto.*

— Ahi vae a portadora, devota de Santo Antonio, com a offerta que se lhe prometteu, esperando e confiando n'elle ser attendida segundo sua tenção... A offerta são 500 réis.

— Em agradecimento ao glorioso S. Antonio por tres graças obtidas, envia 500 réis para o pão de seus pobres. — *Uma sua devota.*

— Meu querido S. Antonio — Envio-vos as esmolas que vos prometti. Agradeço-vos o terdes attendido aos meus pedidos. Peço-vos, milagroso S. Antonio, que continueis a proteger-me especialmente nas duas necessidades que vós sabeis. Tomae debaixo da vossa proteção, as minhas filhinhas, e toda a minha familia. — *Famalicão.* — *A. M.*

— Graça concedida por Santo Antonio. — Faltou um annel de oiro a uma creatura, a qual ficou muito penalisada, fazendo varios juizos sobre aquelle desapparecimento. Recorreu a Santo Antonio, e passados dois dias appareceu lhe, junto da porta da rua, dentro d'um escriptorio, onde ninguem habita, e onde poucas vezes se entra. Estava embrulhado n'um farrapo muito amerellado, o que denotava antiguidade, e não sei explicar como fôsse ter ali. Agradecida ao milagroso Santo Antonio, faço esta declaração para que todos se animem a recorrer a tão bom protector

— Milagroso S. Antonio. — Com o coração cheio de reconhecimento pela grande e immerecida graça que obtive da vossa intercessão, venho fervorosamente a vossos pés dar o completo cumprimento á minha promessa. Meu santo predilecto, portento de milagres ; agradeço-vos do intimo d'alma o terdes-me obtido do Todo Poderoso a graça d'uma collocação de que tanto precisava e que ha tanto tempo com devoção e insistencia vos pedia, attendendo-me precisamente na occasião em que mais desesperançado estava Reconheço este assignalado favor vosso, e porisso venho a vossos pés render-vos culto e protestar-vos o meu eterno reconhecimento e particular devoção para comvosco.

Perdoae me, querido santo, se não assisti com a devida attenção á missa que mandei celebrar no vosso altar, e acceitae 500 réis, para o pão dos vossos pobresinhos. Continuae santo bemdito, a dispensar-me a vossa protecção de que tanto precisa este que será sempre um vosso devoto fervoroso e grato.

— Meu glorioso S. Antonio.—Envio-vos 1$000 réis, para o pão dos vossos pobresinhos, em cumprimento d'uma promessa que vos fiz. Continuae a proteger-me e a todos os meus. — *Um vosso devoto.* — *Y.* — *Santo Thyrso.*

— Glorioso S. Antonio. — Venho agradecer-vos o beneficio que me fizestes, enviando vos 500 réis que vos prometti, e peço-vos que me continueis a proteger. — *Um vosso devoto.* — *S. Thyrso.*

— Meu bom Santo Antonio. — Ahi vos remetto 100 réis que vos prometti para os vossos pobresinhos. Protegei me e a toda a minha familia. — *Vosso devoto. M.* — *Santo Thyrso.*

— Remette-se 1$000 réis para o bom Santo Antonio, e pede-se a publicação d'estas linhas no jornal a «Voz de S. Antonio»

— Meu glorioso S. Antonio. — Humildemente vos agradeço a graça que me fizestes, de curar o meu irmão, e permittir que não fôsse preciso tornar a fazer operação ao joelho, como se receava ; e peço-vos para continuardes a proteger-me, concedendo-me as graças que vos pedir. Remetto 500 réis, que vos prometti para o pão dos vossos pobres. — *M C. F. G.*

— Meu glorioso S. Antonio. — Envio-vos 500 réis, como vos prometti para o pão dos vossos pobresinhos, e venho-vos agradecer e publicar como prometti a graça de dares saude a meu marido, e quasi o restabelecimento ou completas melhoras a minha filha, e igualmente para mim a graça de sentir a cura completa no incommodo da garganta que soffri. Minha filha já se acha agora bôa de saude, o que muito vos agradeço. Conti-

nuae a proteger-nos, e pedi ao Senhor por esta vossa indignissima serva. — *C. S. V.*

— Meu glorioso S. Antonio. — Graças e louvores vos dou por me ser entregue aquelle objecto que me tinha desapparecido. Envio-vos 200 réis para o pão dos vossos pobresinhos. Protegei e abençoae a vossa humilde serva. — *Barcellos.*— *M. da G. M. A.*

— Jeronymo Salgueiro, academico em Braga, uma graça temporal.

GUIMARÃES

Vae progredindo a piedosa instituição, sendo já bem numerosas as pessoas que se confessam devedoras a Santo Antonio de grandes e singularissimos favores. Entre as cartas encontradas na respectiva caixa, havia — coisa singular — nada menos de doze dando graças a Santo Antonio pela proteeção dispensada em provas de exames. Damos publicidade sómente a algumas d'estas cartas, não as publicando todas porque todas dizem, pouco mais ou menos, as mesmas coisas.

GRAÇAS A SANTO ANTONIO

Meu glorioso Santo Antonio. — Agradeço-vos a graça que me fizestes de ficar distincta no exame de instrucção primaria; desde já vos agradeço esta grande graça. Remetto vos 500 réis para o pão dos vossos pobresinhos. Peço perdão pela demora. — *D. P. S.*

— Agradeço-vos meu querido S. Antonio, de todo o meu coração a grande graça que me fizestes de ficar bem no meu exame. E em reconhecimento logo me apressei a cumprir a promessa que fiz d'uma novena de communhões.

Agora remetto 100 réis para o pão dos vossos pobresinhos Peço desculpa da demora. — *Y. M.*

—Meu querido Santo Antoninho.—Agradeço-vos do intimo do coração a grande graça de ficar distincta no meu exame de instrucção primaria.

Tudo me correu como eu desejava. Creio que a razão de tudo me correr bem foi sómente por vós me ajudares. Meu milagroso S. Antonio remetto os 500 réis que prometti para o pão dos vossos pobresinhos. E prometto de ser vossa devota. — *M. A. N. S.*

— Agradeço-vos, meu querido S. Antonio, de todo o meu coração o obsequio que me fizestes de ficar bem no meu exame.

Em acção de graças remetto-vos 1$000 réis para o pão dos vossos pobresinhos. De hoje em diante hei-de-vos ser muito reconhecida pela graça que me fizestes e invocar-vos-hei em todas as minhas necessidades.

Peço perdão da grande demora.—*A. Y. M. C.*

—Meu amavel Santo Antonio —Agradeço-vos milagroso S. Antonio, a graça quem e concedestes de ficar distincta no exame de instrucção primaria do segundo grau. Tudo me correu o melhor possivel.

Creio que a razão de tudo me correr bem foi sómente por vós me ajudares. Remetto os 500 réis que prometti para o pão dos vossos pobresinhos. Peço-vos me perdoeis não ter satisfeito mais cedo. Continuae sempre a proteger-me nos estudos que agora vou continuar e em tudo mais, corporal e espiritualmente que eu prometto de ser sempre vossa devota. — *M. C. S. G.*

— Meu Santo Antoninho. — Agradeço-vos de toda a minha alma a graça que me fizestes de ficar distincta no meu exame de instrucção primaria do segundo grau.

Ser-vos-hei reconhecida por tão singular favor. Meu milagroso S. Antonio remetto-vos 500 réis para o pão dos vossos pobresinhos.

Peço perdão da demora. Peço que esta graça seja publicada na «Voz de S. Antonio».—*A. T. F. D.*

Os cofres do Pão dos Pobres de Santo Antonio

Braga. — Em abril foi o rendimento de réis 197$190.

Mais se receberam as quantias seguintes: J. T. P. Fernandes 300 réis. — A. D. Cordeiro (C. de Paiva) 100 réis. — Padre S. Leite da Silva (O. de Azemeis) 1$300 réis.

Recommendações especiaes

Um joven que aspira ao sacerdocio, e luta com difficuldades quasi insuperaveis.

A cura d'uma enferma.

As necessidades temporaes e espirituaes d'uma familia e os seus membros fallecidos, (Aragão).

Uma pobre reduzida ao ultimo extremo de miseria.

Uma cura.

Duas necessidades muito instantes.

Uma donzella que, para assegurar um futuro honesto, estuda para professora, mas lucta com grandes difficuldades, por deficiencia de memoria.

A cura d'um incommodo pertinaz (Padre A. P. C. — R. Grande).

Um enfermo.

A paz e boa harmonia entre os membros d'uma familia.

A missão franciscana da Beira.

Um negocio de muita gloria para Nosso Senhor.

E, em geral, todas as petições depositadas nos cofres dos nossos centros da Pia União e Pão dos Pobres.